

O povo não é bobo

A pesquisa do Instituto Gallup de Opinião Pública, divulgada ontem pelo *Estado*, registrou uma queda vertiginosa (7,4 pontos percentuais) da candidatura eventual de Sílvio Santos à Presidência da República, em apenas sete dias. Lançada com estardalhaço no começo do mês, a candidatura de última hora conquistou o primeiro lugar no levantamento de sua estréia publicado há uma semana. Agora, manteve a primazia, mas já empatada com a do favorito do eleitorado brasileiro desde abril, Fernando Collor de Mello. Além disso, sofreu a mais violenta perda de votos que um candidato experimentou ao longo de toda a campanha eleitoral.

Essa pesquisa incorpora, então, uma lição fundamental para a classe política brasileira: o povo não é bobo, como, aliás, gostam de gritar, em voz alta e em coro, as multidões que se têm reunido Brasil a fora, em comícios de vários partidos, nos últimos meses. Ao entrar em cena no quadro indefinido de uma campanha que não tem primado pelo talento político de seus participantes, o empresário e animador de televisão foi beneficiário de sua invejável popularidade, conquistada pela

presença habitual de sua imagem na telinha colorida da televisão, ao longo de domingos sem conta. No instante do lançamento, sua candidatura de última hora — intocada pelas intempéries naturais de uma ardorosa campanha política, uma condição injusta, se comparada à das demais — atingiu a primazia imediata, conquistando, com méritos, a classificação de “fato novo” de uma paisagem de modorrenta mesmice.

A própria candidatura ao se tornar pública e notória, porém, expôs seu titular à análise mais acurada tanto de sua possível atuação política quanto dos interesses ocultos que motivaram tal lançamento. O eleitorado tomou conhecimento, graças à ação vigilante da imprensa e dos meios de comunicação em geral, da característica casuística da conspiração que a inspirou e do objetivo claro de evitar a deposição, pelo voto popular, de um grupo que vem sendo condenado por manifestações inequívocas da sociedade, indignada com seu comportamento patrimonialista e incompetente.

A intenção golpista, denunciada pela biografia dos protagonistas do espetáculo de gosto duvidoso com *script* produzido

no Palácio do Planalto, teve o condão de reduzir o efeito-novidade da candidatura. E ainda trouxe uma consequência paralela: expôs as mazelas da fragmentação partidária, graças à qual se pratica um hediondo comércio escuso de legendas e tempo disponível gratuitamente no horário nobre da televisão e do rádio. Esses dois impactos negativos foram, certamente, as principais causas do desabamento da candidatura de última hora na preferência eleitoral dos brasileiros, flagrada pelo Gallup.

Evidentemente, o aspecto emocional sempre pesou, pesa agora e pesará nos dois turnos desta importante eleição presidencial. Não cabe dúvida, outrossim, de que a popularidade do candidato terá influência decisiva na hora da definição do eleitor diante da urna. Mas esses dois elementos impressionistas — emoção e popularidade — não são pesos únicos a exercerem influência exclusiva na decisão livre e soberana do eleitor no momento do voto. Individual e coletivamente, a população brasileira recorrerá também a critérios racionais e objetivos ao preencher a cédula única.

A elite política não sabe, ou

pelo menos faz de conta não ter tomado conhecimento dessa evidência, mas o povo exige de um candidato à Presidência da República mais do que popularidade. Mesmo ao eleger o mais popular, o cidadão leva em consideração, pelo menos, uma outra característica fundamental na personalidade de um pretendente à chefia da Nação, mormente num momento de crise como este: a autoridade.

Os golpistas do continuísmo, que tentaram edificar uma candidatura artificial para desestabilizar o quadro eleitoral, devem estar surpreendidos com o desabamento do “fato novo” na avaliação da preferência do voto pelo Instituto Gallup. Certamente, eles pensavam que a popularidade supriria todos os outros aspectos de fragilidade política dessa candidatura, tecida nos porões do poder republicano. Golpistas renitentes, eles acreditaram na veracidade daquela frase infeliz atribuída a Pelé, de que “o povo não sabe votar”. Vã ilusão. O povo tem, no mínimo, a dimensão da importância de seu voto e sabe que não pode se dar ao luxo de desperdiçá-lo. Por isso mesmo, já começou a decepionar os desastrados conspiradores desse golpe do Baú eleitoral.